

“ANÁLISE DO CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DE MEDICINA DO IMEPAC ACERCA DO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA”

"ANALYSIS OF THE KNOWLEDGE OF MEDICAL STUDENTS OF IMEPAC ABOUT PRE-HOSPITAL EMERGENCY CARE"

DOI: <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v7i14.346>

*Joselle de Freitas
Fernando Diakson Gontijo Soares
Gabriela Bolivar Gonçalves
Amanda Almeida Cordeiro
Renato Freitas Urzedo*

josellefreitas@gmail.com

Resumo

Estudo epidemiológico observacional descritivo. Objetivo: analisar o grau de conhecimento dos alunos do curso de Medicina do Centro Universitário IMEPAC Araguari a respeito do atendimento pré-hospitalar de urgência e emergência e entender os principais fatores influenciadores na visão dos alunos. Metodologia: Este trabalho foi empreendido no IMEPAC em Araguari e a coleta de dados se deu através de questionário aplicado aos alunos do primeiro ao décimo segundo períodos do curso de Medicina, devidamente matriculados no segundo semestre de 2021. Os dados obtidos foram analisados, tabulados e organizados por meio dos softwares Excel e Word, no formato de tabela e ou gráficos. Resultados: 97,47% dos acadêmicos compreendem a importância de se conhecer sobre o Atendimento Pré-Hospitalar, e 31,41% dos estudantes já fizeram algum curso sobre o tema oferecido pelo IMEPAC. Entretanto, 69% não se sentem preparados para tal atendimento, sendo que 95,31% têm interesse em realizar um curso de APH. Também, os resultados apontam que à medida que os alunos avançam no curso, o conhecimento específico é maior. Conclusão: os acadêmicos do curso de Medicina do IMEPAC Araguari sabem da importância do conhecimento a respeito do atendimento pré-hospitalar emergencial e à medida que os alunos avançam de períodos ao longo do curso, eles se sentem mais preparados e confiantes em um APH.

Palavras-chave:

Atendimento pré-hospitalar de urgência e emergência; Alunos de Medicina.

Abstract

Observational descriptive epidemiological study. Objective: to analyze the degree of knowledge of medical school students at Centro Universitário IMEPAC Araguari regarding pre-hospital urgent and emergency care and to understand the main influencing factors in the students' view. Methodology: This work was carried out at IMEPAC in Araguari and the data collection took place through a questionnaire applied to students from the first to the twelfth periods of the medical course, duly registered in the first semester of 2021. The data obtained were analyzed, tabulated and organized using Excel and Word software, in table and / or graph format. Results: With the research, it was expected to confirm the development of medical students' knowledge about emergency pre-hospital care throughout the course and to verify that they are able to perform such care correctly. In addition, the information collected can assist in the implementation of strategies that aim at a better way to teach such discipline on the part of the institution and a better use of the content by the students.

Keywords: Urgent and emergency prehospital care; Students of Medicine; IMEPAC

1 INTRODUÇÃO

O atendimento pré-hospitalar (APH) é a assistência realizada ainda na cena onde ocorreu o evento ou dentro de uma unidade de resgate. Este atendimento é realizado por aqueles que possuem perícia em saúde e visa tratar as lesões sofridas pela vítima, encaminhando-a ao Sistema de Saúde, a fim de evitar sequelas e até a morte (PEREIRA; LIMA, 2009).

O suporte oferecido em um atendimento pré-hospitalar tem características de socorro de Urgência ou Emergência, sendo o APH de Urgência aquele em que o processo é agudo, necessita de cuidados imediatos, porém, não necessariamente incorre em risco iminente de morte para vítima. Diferentemente do suporte de Emergência, pois neste sim a vítima tem sérias chances de vir à óbito e precisa de atendimento rápido e eficiente, com foco na preservação da vida (MENA; PIACSEK; MOTTA, 2017).

Com relação à sua importância, o atendimento pré-hospitalar é extremamente necessário para combate às altas taxas de morbidade, mortalidade e de sequelas incapacitantes provocadas por agravos (PEREIRA; LIMA, 2009) mas esta assistência primária deve ser feita com qualidade e eficácia. O que se quer com o APH é a estabilização da vítima para que ela tenha tempo de chegar ao hospital com vida e com condições de sobreviver (RODRIGUES; ANDRADE, 2019). Por isso, o profissional deve conhecer o que faz e como fazer, haja visto que um socorro mal prestado pode piorar a condição da vítima.

Por outro lado, o médico possui papel fundamental no APH que vai desde a coordenação, regulação, supervisão como aponta o Conselho Federal de Medicina. E isso não pode ser delegado a outro profissional, pois é dele a obrigação de proteção à saúde do paciente (Parecer nº47/95, CFM).

Vários são os ordenamentos jurídicos que expõem as obrigações médicas. Dentre eles, pode se citar o Artº 7º do capítulo III do Código de Ética Médica, o qual define que é responsabilidade do médico atender em setores de urgência e emergência (CFM, 2019). Associe-se a isso, o crime de omissão de socorro, descrito no Código Penal Brasileiro, que se refere a qualquer pessoa que deixe socorrer alguém que esteja em grave ou iminente perigo (BRASIL, 1940). “Deixar de prestar assistência, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, à criança abandonada ou extraviada, ou à pessoa inválida ou ferida, ao desamparo ou em grave e iminente perigo; ou não pedir, nesses casos, o socorro da autoridade pública” (art.185, Lei 2848/40).

Diante do exposto, fica nítido a importância do APH e a responsabilidade dos médicos em relação ao suporte às vítimas de sinistro, ainda no ambiente extra hospitalar. Logo, este trabalho quer avaliar o conhecimento técnico dos acadêmicos de medicina do Centro Universitário IMEPAC de Araguari em relação ao atendimento pré-hospitalar, analisando a consciência deles em relação a necessidade de saber como conduzir um APH; verificando se estes futuros médicos têm acesso à informação de qualidade e correta sobre o assunto e, por fim, confirmando o desenvolvimento do conhecimento acadêmico ao longo do curso de medicina.

2 METODOLOGIA

Estudo observacional descritivo, através de pesquisa de campo, utilizando procedimentos técnicos de obtenção de dados por meio de um questionário para fim de levantamento e análise de variáveis relevantes para o estudo em questão. A pesquisa foi realizada no Centro Universitário IMEPAC na cidade de Araguari, estado de Minas Gerais, sendo os participantes do estudo os alunos do curso de Medicina, selecionados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. A vigência deste estudo foi de 18 meses, com início em fevereiro de 2020 e término em setembro de 2021. Para o cálculo da amostra utilizou-se os seguintes parâmetros: intervalo de confiança de 95%, probabilidade de ocorrência do evento de 50% e precisão de 5%, totalizando

277 participantes, correspondendo a aproximadamente 30% da população de estudantes. A seleção dos alunos para responderem ao questionário foi realizada de forma voluntária respeitando-se o número indicado por período, englobando os três ciclos do curso: básico, clínico e internato. A amostra de cada período foi de n = 24 alunos do primeiro período, n = 20 do segundo, n = 31 do terceiro, n = 30 do quarto, n = 30 do quinto, n = 27 do sexto, n = 23 do sétimo, n = 20 do oitavo, n = 21 do nono, n = 23 do décimo, n = 22 do décimo primeiro, e n = 6 do décimo segundo período. Os dados foram obtidos por meio da aplicação do questionário de forma presencial, contendo questões objetivas que permitiram avaliar o grau de conhecimento dos acadêmicos em relação ao atendimento pré-hospitalar de urgência e emergência, e confirmar o desenvolvimento desse conhecimento ao longo do curso. Esse estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa para sua apreciação e aprovação. Como também, sua autorização para aplicação dos questionários em ambiente institucional. Para proteger a confidencialidade dos usuários participantes do projeto, foi elaborado um Termo de Confidencialidade, no qual o pesquisador assumiu responsabilidade total sobre as informações obtidas com o questionário, respeitando normas internas da instituição onde a pesquisa foi realizada, prevendo medidas que assegurou a privacidade e confidencialidade como proteção da imagem dos participantes da mesma.

3 RESULTADOS

Os pesquisadores aplicaram o questionário para 277 participantes, abrangendo 30% do número total de alunos matriculados no segundo semestre de 2021 na Instituição trabalhada. Tal quantidade foi obtida por meio do cálculo da amostra com os devidos parâmetros estatísticos já descritos anteriormente. Como cada turma possui um total diferente de alunos matriculados, foi feita uma proporção a fim de encontrar o número exato de pessoas participantes por sala. A tabela 1 mostra essa quantidade separada por período cursado. Nota-se que o terceiro, quarto e quinto períodos possuem um número maior de alunos matriculados, (11,19% - 10,83% e 10,83%, respectivamente) e que o décimo segundo é o período com o menor número de alunos (2,17%). Isso é devido ao atual cenário pandêmico que possibilitou que alguns alunos formassem antecipadamente.

Tabela 1: quantidade de alunos que responderam ao questionário e seus respectivos períodos no momento da coleta realizada no IMEPAC em setembro de 2021.

VARIÁVEL	QUANTIDADE DE ALUNOS	PORCENTAGEM (%)
PERÍODO		
1	24	8,66
2	20	7,22
3	31	11,19
4	30	10,83
5	30	10,83
6	27	9,75
7	23	8,30
8	20	7,22
9	21	7,59
10	23	8,30
11	22	7,94
12	6	2,17
TOTAL	277	100

Fonte: Autores

Sobre as perguntas de caráter pessoal referente ao conhecimento prévio do tema, a tabela 2 permite uma análise abrangente.

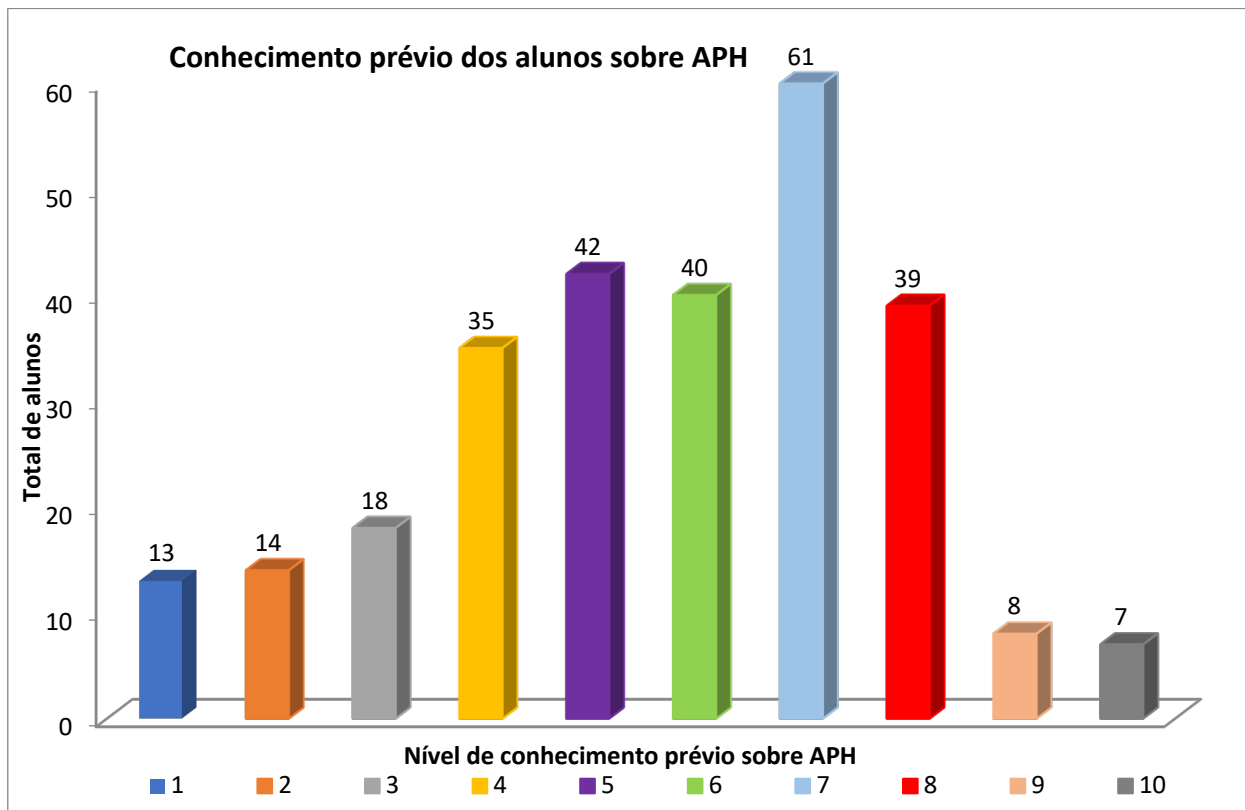
Tabela 2: Respostas dos participantes que responderam os questionários em relação às perguntas de caráter pessoal a respeito do APH, aplicados no IMEPAC em setembro de 2021.

PERGUNTAS PESSOAIS	Nº DE CITAÇÕES	PORCENTAGEM (100%)
SABE O QUE É APH		
SIM	257	92,78
NÃO	20	7,22
JÁ FEZ CURSO DE APH OFERECIDO PELA FACULDADE		
SIM	87	31,41
NÃO	190	68,59
JÁ FEZ CURSO DE APH FORA DO IMEPAC		
SIM	51	18,41
NÃO	226	81,59
QUAL NÍVEL DE CONHECIMENTO SOBRE APH		
1	13	4,69
2	14	5,05
3	18	6,5
4	35	12,64
5	42	15,16
6	40	14,44
7	61	22,02
8	39	14,08
9	8	2,89
10	7	2,53
CURSOU DISCIPLINA DE APH DURANTE O CURSO		
SIM	198	71,48
NÃO	79	28,52
ENTENDE A IMPORTÂNCIA DO APH		
SIM	270	97,47
NÃO	7	2,53
INTERESSA FAZER UM CURSO DE APH		
SIM	264	95,31
NÃO	13	4,69
ESTÁ PREPARADO PARA REALIZAR UM APH		
SIM	85	30,69
NÃO	192	69,31

Fonte: Autores

Percebe-se que a maioria dos estudantes entrevistados (92,78%) sabe o que é o atendimento pré-hospitalar, mas apenas 87 alunos (31,41%) afirmaram já ter realizado algum curso de APH oferecido pela faculdade, e 51 (18,41%) fora do IMEPAC. Ao serem questionados se a instituição oferece disciplina relacionada ao tema no decorrer do curso de Medicina, 71,48% disseram que sim. No entanto, ao serem abordados sobre o conhecimento prévio do APH, a maioria está compreendida nos níveis 5, 6 e 7 (51,62%) ao considerarmos uma escala de 1 a 10, conforme gráfico 1.

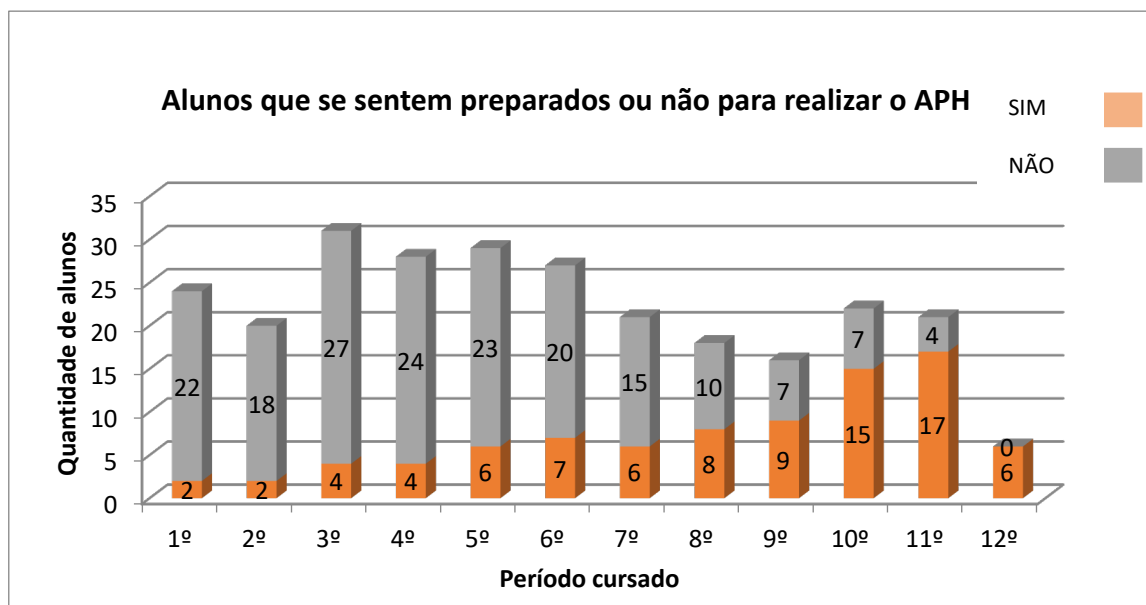
Gráfico 1: Conhecimento prévio dos participantes sobre APH em uma escala de 1 a 10.



Fonte: Autores

Apesar desses dados, apenas 85 alunos (30,69%) afirmaram estar preparados para fazer um atendimento à vítima frente a uma situação de pressão, sendo que o maior percentual de alunos que dizem ser aptos para um APH encontra-se no último ciclo - internato, nono período com 9 alunos (42,86%), décimo com 15 alunos (65,21), décimo primeiro com 17 alunos (77,27%) e décimo segundo com 6 alunos (100%). Conforme pode ser visto no gráfico 2, os alunos se sentem mais preparados à medida que vão avançando os períodos ao longo do curso.

Gráfico 2: Respostas dos entrevistados sobre estarem ou não aptos a realizarem um APH.



Fonte: Autores

A maioria dos entrevistados entende a importância do APH como forma de prevenção a futuros danos da vítima (97,47%), e 264 alunos (95,31%) afirmaram ter interesse na realização de um curso de APH.

Em se tratando do conhecimento específico e prático do atendimento pré-hospitalar emergencial, os participantes responderam a sete perguntas, conforme tabela 3.

Tabela 3: Respostas dos participantes que responderam os questionários em relação às perguntas específicas sobre o APH, aplicados no IMEPAC em setembro de 2021.

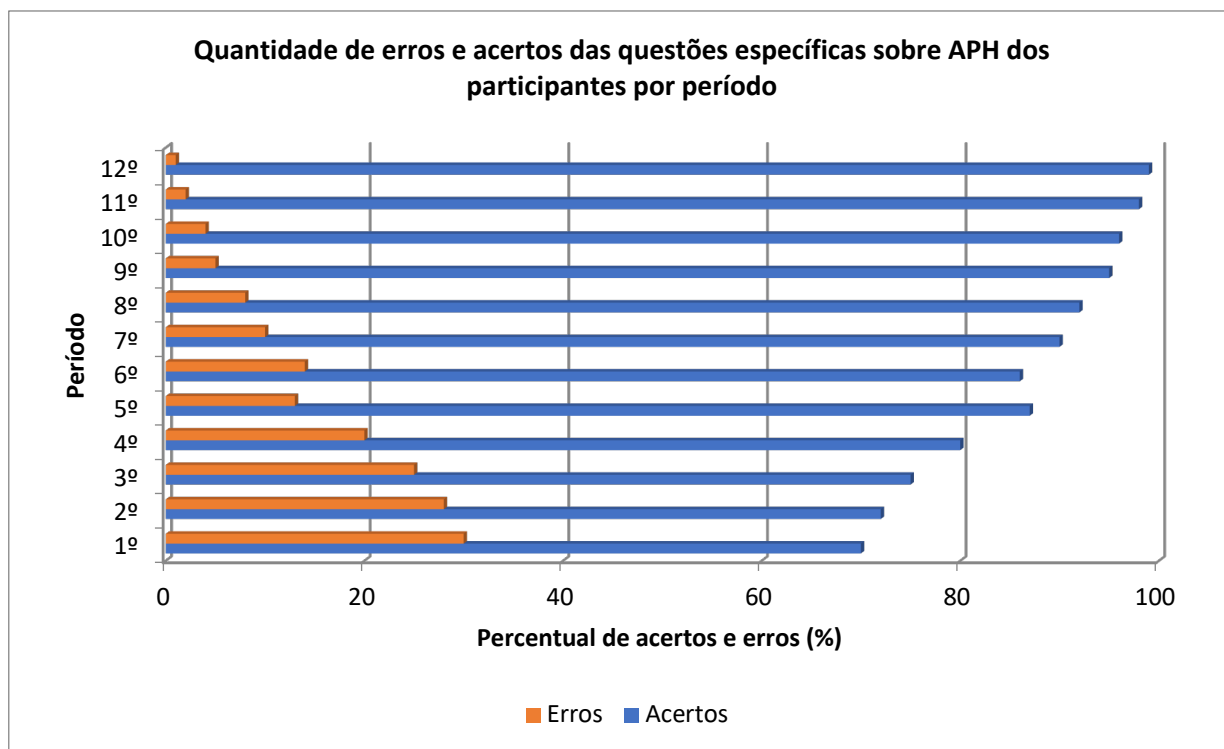
PERGUNTAS ESPECÍFICAS SOBRE APH	Nº DE CITAÇÕES	PORCENTAGEM (100%)
QUAIS OS PRIMEIROS PASSOS A SEREM EXECUTADOS EM ORDEM DE PRIORIDADE?		
Ligar para o SAMU, checar pulso, manobras de ressuscitação cardiopulmonar	26	9,39
Isolar o local, acionar unidade de resgate, avaliar a vítima	210	75,81
Checar sinais vitais, exame neurológico, remover a vítima	0	0
Avaliar a vítima, sinalizar o local, ligar para o SAMU	41	14,8
QUAL A ESCALA UTILIZADA PARA AVALIAÇÃO NEUROLÓGICA?		
Escala de Glasgow	271	97,83
Escala de Braden	1	0,36
Escala de Morse	4	1,44
Escala de Fugulin	1	0,36
SOBRE SOCORRER UMA VÍTIMA DE QUEIMADURAS, O QUE É CORRETO?		
Colocar o ferimento em compressa de gelo e aplicar pomada própria para queimaduras	4	1,44
Caso apareçam bolhas, furá-las com a ajuda de um objeto pontiagudo e cobrir com gaze	2	0,72
Interromper a exposição ao agente térmico e resfriar a área afetada com água corrente	217	78,34
Não retirar as roupas e adornos da vítima até que ela seja atendida	54	19,49
EM UMA SITUAÇÃO DE PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA, O POSICIONAMENTO DAS MÃOS DO SOCORRISTA SOBRE O TÓRAX DA VÍTIMA DEVE ESTAR LOCALIZADA APROXIMADAMENTE EM:		
2 dedos abaixo do apêndice xifoide	57	20,58
2 dedos acima do rebordo costal esquerdo	12	4,33
2 dedos acima do apêndice xifoide	195	70,4
2 dedos acima do rebordo costal direito	13	4,69
UMA VÍTIMA DE AFOGAMENTO INCONSCIENTE E APRESENTADO VÔMITOS, QUAL A MELHOR POSIÇÃO PARA COLOCÁ-LA NA AREIA?		
Decúbito dorsal	41	14,8
Decúbito ventral	8	2,89
Decúbito lateral	221	79,78
Sentado	7	2,53
PARA PRESTAR SOCORRO A UM MOTOCICLISTA, DEVE-SE:		
Retirar seu capacete e verificar se está responsivo	21	7,58
Checar o pulso e remover o acidentado do local	4	1,44
Observar pontos de hemorragia externa e realizar torniquete	12	4,33
Verificar sinais vitais	240	86,64
QUAL A FORMA CORRETA PARA FAZER A MANOBRA DE ENGASGO, HEILINCH		

Vítima deitada com o socorrista ao seu lado direito e este fará pressão na altura do estômago	2	0,72
Vítima em pé, socorrista atrás dela com as pernas perpendiculares e entre as pernas da vítima. Será feita uma pressão em forma de J dois dedos abaixo do apêndice xifoide	261	94,22
Vítima deitada, socorrista sobre ela, fazendo pressão de baixo para cima, a partir da boca do estômago em sentido ao tórax	5	1,81
Vítima em pé, socorrista em frente a ela, apoiará uma das mãos na altura do estômago e com a outra fará força para causar uma pressão positiva no sentido do estômago em direção ao esôfago	8	2,89

Fonte: Autores

Ao responderem sobre os primeiros passos a serem executados no APH por ordem de prioridade, 75,81% dos alunos disseram que devem primeiramente isolar o local, acionar a unidade de resgate e avaliar a vítima, o que corresponde à resposta adequada. Sobre o tipo de escala utilizada em uma avaliação neurológica, quase 100% dos entrevistados (271 alunos) acertaram ao responderem “Escala de Glasgow”. Em se tratando de uma vítima de queimaduras o manejo correto é interromper a exposição ao agente térmico e resfriar a área afetada com água corrente e 217 alunos (78,34%) escolheram essa opção. Em uma situação de parada cardiorrespiratória, o posicionamento das mãos do socorrista sobre o tórax da vítima deve estar localizada aproximadamente 2 dedos acima do apêndice xifoide, 70,4% dos entrevistados mostraram saber sobre o assunto. Já em relação ao afogamento, a melhor opção para se colocar a vítima é em decúbito lateral e 221 pessoas (79,78%) responderam corretamente. Para prestar socorro a um motociclista deve-se inicialmente, verificar os seus sinais vitais, resposta escolhida por 240 alunos (86,64%). A última pergunta relacionada à manobra de engasgo, Heilinch, 94,2% dos entrevistados responderam que a vítima deve estar em pé, o socorrista atrás dela com as pernas perpendiculares e fazer uma pressão em forma de J dois dedos abaixo do apêndice xifoide. Por fim, é possível verificar por meio do gráfico 3 o desempenho por meio da quantidade de acertos e erros que cada período teve em relação às perguntas específicas de APH.

Gráfico 3: Quantidade de erros e acertos, por período, das questões de conhecimento específico de APH.



Fonte: Autores

4 DISCUSSÃO

Dentre os vários resultados encontrados por este estudo, 97,47% dos acadêmicos que participaram do questionário afirmaram que compreendem a importância de se conhecer sobre o Atendimento Pré Hospitalar, entretanto, ao se questionar se eles sentiam-se preparados para tal atendimento, mais de 69% responderam que não, dentre estes os mais inseguros são os acadêmicos do ciclo básico de ensino que compreende os 4 primeiros períodos da faculdade de medicina. Este resultado é semelhante ao encontrado no trabalho de Bastos et al. (2020), os quais afirmam em sua pesquisa científica, que mais de 50% dos entrevistados admitiram não se sentirem seguros/preparados para intervirem em situações que exigem um atendimento prévio hospitalar. Também, Roldão e Oliveira (2018), realizaram um estudo com acadêmicos de medicina da Faculdade Federal de Sergipe e tiveram como resultado 72,43% dos estudantes de medicina daquela instituição insatisfeitos com os próprios conhecimentos, não se sentindo preparados para agir frente a uma ocorrência que necessite de habilidade para atendimento pré-hospitalar. Já, Teixeira et al. (2018) pontua que o atendimento pré-hospitalar tem grande relevância ao acadêmico de medicina, haja visto que o APH, em grandes partes das vezes, é a porta de entrada no mercado de trabalho para estes profissionais.

Ademais, ainda no que se refere às perguntas de caráter pessoal em relação à APH, o resultado obtido foi que apenas 31,41% dos estudantes já fizeram algum curso sobre o tema oferecido pela própria faculdade e 18,41% disseram ter realizado curso fora da Instituição. Diante disso, tomando como referência um artigo que relaciona os conhecimentos sobre trauma e urgência em uma Liga Acadêmica Trauma, Reanimação e Emergência (LiTRE) da Universidade Federal Fluminense (UFF), foi obtido como resultado que 69,6% da amostra não fez nenhum outro curso na mesma área, enquanto apenas 30,4% o fez. Seguindo a lógica do curso sobre APH, foi observado que no Centro Universitário IMEPAC, de acordo com os dados colhidos, 95,31% teriam interesse em fazer um curso sobre o assunto. Diante disso, seria observado um aumento do número de acertos das questões, porque, como foi observado no estudo da Universidade Pública do Ceará, a média de acertos da probabilidade pré-teste subiu de 3 para 22, em uma amostra que compreendia 78 questões, tendo, portanto, um aumento de 633,3% de evolução do aprendizado. Assim, retomando aos estudantes que participam da Liga, pode-se notar que participar da mesma é uma forma de afirmar que eles entendem a importância de buscar conhecimentos nessa área, além de estarem estruturando um currículo melhor junto com uma maior capacitação no período de internato e residência médica.

Além do mais, apesar de que 92,78% dos participantes disseram saber o que é o APH, apenas 15 alunos (5,42%) afirmaram ter um nível alto de conhecimento sobre o assunto, optando pelos níveis 9 e 10, em uma escala de 1 a 10 conforme o gráfico 1. Observa-se ainda, que a maioria dos alunos encontram-se entre os níveis 4 e 8 dessa escala, indicando que, mesmo que 71,48% dos entrevistados disseram ter tido disciplina durante o curso, elas não foram o suficiente para adquirirem e reterem o conhecimento necessário sobre o APH. Assim, é de suma importância que as faculdades de Medicina deem mais ênfase nesse assunto que é essencial no salvamento de vítimas e os profissionais devem estar preparados uma vez que conforme Cruz (2014) elencou em seu estudo a assistência em situações de emergência e urgência é caracterizada pela necessidade de agilidade e rapidez no atendimento do paciente, o qual deve ser realizado em um espaço curtíssimo de tempo, sendo rápido e resolutivo. Para isso, a inserção de atividades de simulação realística pode ser uma alternativa de ensino para melhorar o nível de conhecimento e preparo dos alunos para um atendimento pré-hospitalar. Desta forma, a simulação pode ser vista como uma importante ferramenta para que os acadêmicos e os profissionais de saúde possam praticar e treinar suas habilidades em ambientes não reais sem causar danos à vida de outras pessoas. Gontijo, et al. (2021) comprovaram por meio de uma pesquisa realizada com 151 alunos do curso de Enfermagem do Centro Universitário do Distrito Federal – UDF, que a associação do método tradicional com o método de práticas realísticas são eficazes para a obtenção e melhora do conhecimento, proporcionando benefícios para os estudantes e sobretudo para os pacientes. Ademais, os participantes dispuseram de uma capacidade de reconhecer erros, analisá-los e, conseqüentemente, aperfeiçoar o aprendizado adquirido nas práticas de simulação realística voltada para o APH.

Sobre as questões específicas da prática do APH, percebeu pela tabela 3, que a maioria dos alunos acertou as perguntas. Tal acontecimento pode ter ocorrido devido ao fato do questionário ter sido entregue nas salas de aula e não ter feito um monitoramento durante o preenchimento do mesmo, facilitando que os participantes conversassem entre si ou até mesmo consultassem a resposta em meios eletrônicos. No entanto,

o gráfico 3 evidencia que a medida que os alunos avançam no curso, o conhecimento específico é maior, pois os alunos dos últimos períodos alcançaram um número maior de acertos. O estudo de Ferreira, et al. (2015) corrobora esse resultado uma vez que concluiu em seu trabalho realizado com estudantes de Medicina de uma faculdade da Bahia que os acadêmicos dos últimos dois anos do curso, equivalente ao internato, acertaram mais questões teóricas e conseguiram realizar a prática de uma simulação de APH de uma forma mais eficaz quando comparada aos outros alunos que cursavam os demais períodos da faculdade, confirmando o desenvolvimento do conhecimento acadêmico ao longo do curso de medicina.

Em se tratando de uma parada cardiorrespiratória, 70,4% dos que responderam ao questionário acertaram a pergunta sobre local de posicionamento das mãos para realização de ressuscitação cardiopulmonar, (dois dedos acima do apêndice xifoide). Isto é positivo, pois demonstra que os acadêmicos detêm uma percepção sobre a técnica de realização do procedimento de RCP, e quanto a isso Bastos et al. (2020) julgam importante, pois a correta realização do atendimento pré-hospitalar às vítimas de PCR reduz possíveis sequelas e aumenta a sobrevivência das vítimas. Outro trabalho, de Roldão e Oliveira (2018) cita a necessidade de treinamento de ressuscitação cardiopulmonar por acadêmicos de medicina e profissionais, afim de que as vítimas de PCR tenham cuidados de mais alta qualidade. Por outro lado, a American Heart Association publicou uma cartilha em 2015 de aprimoramento em APH, que define como o treinamento seria melhor aproveitado, através de sistema de feedback, uso de manequins de alta confiabilidade, preparação pré curso e treinamento com o desfibrilador externo automático (DEA).

Também foi avaliado se os acadêmicos de medicina sabiam os primeiros passos a serem executados, em ordem de prioridade, caso se deparassem com um sinistro. Dos 277 participantes desta pesquisa, 75,81% acertaram a sequência correta, que se inicia com o isolamento do local, passando por acionar unidade de resgate e somente depois avaliando a vítima. Em relação a isso, Nascimento (2015) diz que o atendimento a vítima só é recomendado se a cena estiver segura, ou seja, o ambiente tiver seus riscos minimizados para que os socorristas possam atuar. Concordam com ele o Manual de Operações Terrestre do Exército Brasileiro de 2020, o qual expõe a importância de isolamento do local que deve ser o primeiro procedimento em um Atendimento Pré Hospitalar e ainda o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais (2013) o qual deixa claro que somente após a cena estiver segura, é que o socorrista deve ofertar o Atendimento Pré Hospitalar.

Dentre os tópicos apresentados, tem-se um referente ao tratamento de queimaduras no serviço de urgência e emergência, em que os alunos da instituição IMEPAC apresentaram um percentual de acerto de 78,34%, que corresponde a 217 graduandos do primeiro ao décimo segundo período. Com a finalidade de fazer uma comparação com outras instituições de educação, foi tomado como base o artigo de Lima e Bandeira (2019), que teve como amostra estudantes do sexto ano do curso de medicina do instituto. Dessa forma, ao se tratar de queimaduras, foi obtido como resultado 100% de acerto dos discentes, que assinalaram que a conduta correta seria resfriar a área afetada com água corrente. Por conseguinte, foram retirados dados da Revista Brasileira de Cirurgia Plástica, que avaliou os conhecimentos em estudantes de medicina do primeiro ao sexto ano da FAMEMA. Nessa base de dados, os alunos da primeira série, grupo 1, obtiveram 55% e 68% em cuidados imediatos e cuidados iniciais, respectivamente. Já referente ao grupo 2, alunos da sexta série, obteve-se 78,33% e 93,33% de acerto nos mesmos quesitos. Dessa maneira, percebe-se que a média em relação aos estudantes do IMEPAC não se distingue tanto. Por fim, no quesito queimaduras, foi-se analisado um artigo sobre Conhecimentos em Atenção Pré-Hospitalar e Suporte Básico de Vida por Estudantes Recém-ingressos de Medicina com estudantes do curso de Medicina da Universidade Pública do Ceará - Campus Cariri em Barbalha (CE) e, nesse estudo, a análise mostrou um número de acertos pré-teste de 107, em uma amostra de 156, correspondendo a 68,58%, similar ao encontrado no IMEPAC.

Por fim, para se realizar um atendimento pré-hospitalar a uma vítima é necessário estabelecer prioridades sequenciais após uma avaliação global, identificando as condições que ameaçam a vida. Para isso, além de se verificar a respiração, ventilação, circulação e coluna cervical, outro ponto importante é a avaliação neurológica. Essa avaliação pode ser feita utilizando-se a escala de coma de Glasgow, a qual é uma avaliação mais detalhada e aplicada de forma rotineira servindo de instrumento de prognóstico e de seguimentos nas reavaliações. Silva, et al. (2019) realizaram um estudo descritivo de revisão da literatura em que objetivaram descrever as intervenções realizadas no atendimento pré-hospitalar a vítima de trauma cranioencefálico, e concluíram que o uso da escala de coma de Glasgow é de suma importância, uma vez que ela auxilia no atendimento das vítimas, reduzindo o impacto relacionado a morbidade da população, evitando ou minimizando sequelas neurológicas, sejam elas temporárias ou permanentes. Assim, conhecer, entender e saber aplicar essa

escala é muito importante em um atendimento de urgência e emergência, e esse estudo mostrou que 97,83% dos alunos da instituição estudada sabem que a escala utilizada para a avaliação neurológica é a escala de Glasgow.

5 CONCLUSÕES

Os resultados encontrados, nesta pesquisa, revelaram que os acadêmicos do curso de Medicina do IMEPAC Araguari sabem da importância do conhecimento a respeito do atendimento pré-hospitalar emergencial e, embora a grande maioria não se sinta preparada para realizar esse atendimento, demonstrou ter o conhecimento técnico necessário para isso.

Também, ficou evidenciado que à medida que os alunos avançam de períodos ao longo do curso, eles se sentem mais preparados e confiantes em um APH.

Além disso, percebeu-se que os alunos pesquisados, em sua maioria, tem interesse em realizar um curso de APH, se mostrando dispostos a participarem de disciplinas, palestras e cursos que abordem tal assunto de forma eficaz, confiável e esclarecedora. Dessa forma, o conhecimento será ampliado, e o país contará, cada vez mais, com médicos aptos e competentes.

6 REFERÊNCIAS

ALBINO, R.M.; RIGGENBACH, V. Atendimento hospitalar inicial ao politraumatizado. Arquivos Catarinenses de Medicina. Santa Catarina, 2004.

AMERICAN HEART ASSOCIATION (AHA). Destaque das Diretrizes da American Heart Association 2015 para RCP e ACE. Guidelines CPR e ECC 2010. Disponível em:< <https://www.icscyl.com/ics/textos//guidelines-rcp-aha-2015-full.pdf>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

BASTOS, T.R. et al. Conhecimento de Estudantes de Medicina sobre Suporte Básico de Vida no Atendimento à Parada Cardiorrespiratória. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 44, 2020.

Brasil. Ministério da Justiça. Decreto-Lei N°2.848, de 7 de Dezembro de 1940. Rio de Janeiro, 1940.

CASTRO, L.H.A. et al. Política, planejamento e gestão em saúde. Atena. Ponta Grossa, 2020.

CFM. Conselho Federal de Medicina. Código de Ética Médica. Resolução CFM nº 2217/2018. Brasília, 2019.

CFM. Conselho Federal de Medicina. Parecer nº47. Brasília, 1995.

CRUZ, A.R. atendimento pré-hospitalar: uma abordagem sobre a formação específica do enfermeiro. UFMG. Conselheiro Lafaiete, 2014.

DE JESUS, L.M.S. et al. Características dos Usuários de Serviços de Urgência. Humanidades & Inovação, v. 5, n. 2, 2018.

DE OPERAÇÕES TERRESTRES, Brasil Exército Comando. Atendimento Pré-Hospitalar (APH) Básico. 2020. Instrução Técnica Operacional n.23 - Protocolo de Atendimento Pré-Hospitalar. Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais. 169p. Belo Horizonte, 2013.

DE SOUSA RODRIGUES, M.; GALVÃO, I.M. Estudantes de medicina dos três primeiros anos são os principais ingressantes na Liga Acadêmica de Medicina de Urgência e Emergência. *Revista de Medicina*, v. 96, n. 3, p. 136-139, 2017.

DIAS, J.M.C. et al. Perfil de atendimento do serviço pré-hospitalar móvel de urgência Estadual. *Cogitare Enferm*, 2016.

FERREIRA, A.D. et al. Avaliação dos alunos sobre o atendimento pré-hospitalar por meio de simulação. Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA. Salvador, 2015.

GONTIJO, M.S.G. et al. Simulação realística no ensino do atendimento pré-hospitalar: debriefing. *Brazilian Journal of Development*, v.7, n.8, p.83409-83418. Curitiba, 2021.

LIMA, L.L.R; BANDEIRA, M.M. grau de conhecimento dos estudantes de medicina do sexto ano sobre o atendimento inicial ao paciente queimado em Teresina–Piauí, 2019.

MAIA, E.R. et al. Conhecimentos em atenção pré-hospitalar e suporte básico de vida por estudantes recém-ingressos de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 38, n. 1, p. 59-64, 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa. 5. ed. Atlas. São Paulo, 2002.

MÁXIMO, G. et al. Avaliação do ensino e aprendizagem de noções básicas de tratamento de queimados entre alunos do curso de medicina. *Rev. bras. cir. plást*, p. 541-549, 2017.

MENA, H. et al. Urgência e Emergência: os conceitos frente às normas administrativas e legais e suas implicações na clínica médica. *Saúde, Ética & Justiça*. 2017.

NASCIMENTO, E.F. Cartilha de primeiros socorros para profissionais da engenharia florestal. 2015.

PEREIRA, M.G. Métodos empregados em epidemiologia. *Epidemiologia: teoria e prática*. 1. ed. Guanabara: p.269- 288. Rio de Janeiro, 1995.

PEREIRA, W.A.P; LIMA, M.A.D.S. O trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar à vítima de acidente de trânsito. *Rev. da Escola de Enfermagem da USP*. São Paulo, 2009.

ROCHA, E.C.A. Atuação da enfermagem em urgências e emergências. Portal de e-governo, inclusão digital e sociedade do conhecimento. Disponível em:<<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/atua%C3%A7%C3%A3odaenfermagememurg%C3%A4ncias-e-emerg%C3%A4ncias>>. 2012. Acesso em: 17 de julho de 2020.

RODRIGUES, A.L.; ANDRADE, A.P. O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência sob a ótica da população atendida. *ReTEP*, 2019.

ROLDÃO, A.C.C.M.; OLIVEIRA, F.M. Percepção do conhecimento sobre parada cardiorrespiratória dos graduandos em medicina de uma universidade pública com metodologia ativa de ensino. 2018.

SILVA, Z.A. Trauma cranioencefálico: intervenções do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar. *Revista Científica de Enfermagem*. São Paulo, 2019.

TEDESCHI, L.T. et al. A experiência de uma liga acadêmica: impacto positivo no conhecimento sobre trauma e emergência. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, v. 45, 2018.

TEIXEIRA, E.B. et al. A importância do conhecimento em atendimento pré-hospitalar e suporte básico de vida por acadêmicos de medicina, p. 1-388-416.